

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Imigrantes: crônicas de vida (IMG)

Onze línguas

História de [Tatiana Lasevicius](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 23/06/2001

Projeto West Plaza

Depoimento – Tatiana Lasevicius

Local – cabine West Plaza

Data – 23/06/2001

Realização Museu da Pessoa

Entrevista IMG_CB019

Entrevistado por Márcia Ruiz

Transcrito por Marina D'Andréa

Revisado por Ana Calderaro

P – Por favor, diga seu nome completo, local e data de nascimento.

R – Bem, eu nasci na África do Sul, em 26 de fevereiro de 1990. Nasci na cidade de Durban e no estado KZN (KwaZulu-Natal).

P – Qual é seu nome completo?

R - Tatiana Lasevicius.

P – Tatiana, eu queria que você falasse um pouquinho tanto da descendência do seu pai, como da sua mãe. Por que você nasceu lá?

R – O lado do meu pai, os pais dele... O pai dele era lituano, e ele decidiu mudar para o Brasil, não tenho certeza do porquê. Enquanto a mãe dele veio de Portugal. Ela também veio para cá. Eles se encontraram aqui mesmo, casaram, e tiveram meu pai. Meu pai que foi para a África do Sul com eles, aos quatro anos de idade, então ele cresceu lá, viveu uns 32 anos e se encontrou com a minha mãe. Agora o lado da minha mãe eu não tenho certeza de onde. A mãe dela é sul-africana, o pai eu não tenho certeza, nem ela conhecia, então ela cresceu com a avó dela, com a avó da minha mãe. Ela cresceu com ela, que é minha bisavó. (riso) Ela ainda estava viva quando eu tinha cinco anos, ela morreu de um tipo de câncer.

P – E essa sua bisavó era?

R – Holandesa. O marido dela era de... Não sei, mas não era sul-africano.

P – Onde fica essa cidade onde você nasceu? No litoral ou na montanha?

R – Durban na verdade eu acho que é cidade central do KwaZulu-Natal. Ela é tipo assim é meio cidade, mas também é meio campo. É misturado. É como cidade grande, é como São Paulo, só que ele tem mais verde, é mais campo, na verdade. Tem muitas fazendas lá, tudo.

P – O que seu pai e sua mãe faziam lá?

P – Bem, a minha mãe trabalhava para o Coats, uma das maiores fabricações de... Fábrica, sabe...

P – Fábrica do que?

R – Não tenho certeza, fábrica de... Não tenho certeza mesmo.

P – Não tem problema.

R – Não. E o meu pai ele trabalhava com eletrônicos. Ele era eletrônico.

P – Tá. E descreva um pouquinho dessa cidade onde você estudava. Como era essa cidade? Descreve ela um pouco para mim.

R – Bem, a minha escola... Eu mudei de escola três vezes lá, do pré até outra escola... Eu mudei a escola. O pré, chamava _____. Ele era muito pequeno, não era muito conhecido, mas tinha muitas pessoas lá. E além disso, eu fui pro Winston Park, que era em uma área grande, tinha muitas árvores enormes, e a escola era muito grande também, muito conhecida. E eu tinha muitos amigos lá. Era enorme. A área, tudo... Onde a gente brincava, também, enorme. Onde eu morava era tipo uma fazenda. E a gente tinha muitos animais, também. (risos)

P – Que tipo de animais?

R – Olha, eu tinha... (risadas) Eu tinha porco, tinha cachorro, tinha gato, tinha... É, só isso mesmo.

P – Não tinha vaca, cavalo?

R – Não, isso era mais do meu amigo, a gente andava em cavalos dele, que eram dele, tudo isso.

P – Que língua você falava lá, qual era o seu idioma?

R – A minha era inglês, mas na escola a gente aprendia zulu, que é uma das línguas nativas e africanas, que é parecido com holandês, e também é uma língua mais ou menos nativa.

P – E ela é uma língua oficial?

R – É, uma das línguas oficiais.

P – Você me falou que tem várias línguas oficiais e outras não. Quantas línguas oficiais tem lá?

R – Tem 11 línguas oficiais e o resto. Tem tantas, que eu não tenho certeza de quantas tem, porque tem muitas.

P – Tá. Você conviveu com as suas avós, por parte de pai e por parte de mãe? Ou não?

R – Nem mais, nem menos. Porque eu conheci o meu avô, pai do meu pai, mas quando ele morreu acho que eu tinha oito ou nove anos. Além disso eu conheci a avó da minha mãe, (riso) que morreu quando eu tinha uns quatro ou cinco anos de idade.

P – A avó da sua mãe era holandesa.

R – Ela era holandesa, e ela aqui. Aqui não... Lá na África do Sul, quando ela ainda era pequenininha.

P – Por que vocês vieram para o Brasil? Por que vocês resolveram mudar? Por que vocês saíram da África do Sul e vieram para o Brasil?

R – (risos) Ah, eu me pergunto isso todo o dia. Porque, porque mesmo, eu não sei.

P – Não?

R – Não.

P – Você sentiu muita dificuldade em se adaptar aqui no Brasil?

R – Eu senti. Quando eu comecei na escola eu fui forçada a aprender a língua, que foi muito difícil para mim. Eu fiquei de recuperação na língua portuguesa porque ainda não falava muito bem. Além disso, tive dificuldade em fazer amigas, fazer amizades. E quando eu fiz amizades em uma escola, eu tive que mudar.

P – Em que escola você veio estudar primeiro?

R – A minha primeira escola foi o Colégio Batista Brasileiro. Eu gostava, mas também não gostava. Sabe como é?

P – Por que você não gostava?

R – Minha professora, que era uma chata. (risos) Olha, eu tinha professoras lá que eram muito legais, mas a minha professora de artes e a minha professora normal... Tô fora, mesmo. (risos)

P – E então você saiu de lá e foi para outra escola.

R – Eu fui para outra escola. Foi Pueri Mundi. E depois o Pueri Mundi fechou porque estava todo o mundo saindo. Então eu fui para uma escola americana que chamava Escola Americana Inovativa. E lá tinha poucas pessoas. Era uma escola bem pequenininha. Então, depois disso saí porque estavam fechando, porque a escola estava ficando com alunos demais e estava muito pequena. Então eles fecharam. Agora eu estou estudando em casa mesmo.

P – Você me falou que você trabalha também Tatiana, o que você faz?

R – Trabalho. Eu faço gravações de inglês. Eu gravo alguma coisa, depois coloco no CD, cassete... Depende. E junto com o livro tem esse CD ou cassete, eles vendem

P – Então são vários assuntos que você fala em inglês. Pode ser história... Que tipo de assunto é?

R – É... Só para aprender a língua mesmo. Só coisa básica, às vezes um pouco difícil para aprender para o aluno ou aluna.

P – Que diferença você nota da cultura sul-africana para a cultura brasileira? Que diferença tem?

R - Muita coisa, muita coisa (risos). Na África do Sul, não vou saber explicar... A gente, enquanto a gente chama mais tio, tia, que não é de verdade. A nossa tia ou tio, mas é só um jeito de mostrar respeito. A gente chama tio, tia, mas aqui no Brasil tio e tia são só se são seu tio ou tia mesmo. A gente faz isso, também tem muitas outras coisas. Na África do Sul, se você fizer alguma coisa errada, lógico, você vai apanhar um pouco. Aqui no Brasil eles não parecem fazer isso.

P – E a comida, você acha que tem alguma diferença, significativa?

R – A gente não come arroz e feijão todo o dia. (risadas) A gente come mais salada, carne de porco, carne de vaca, coelho... A gente come muitos legumes... A gente come até um pouquinho de arroz, mas não todo o dia. (riso)

P – Que hábitos alimentares vocês têm que diferem na África do Sul, do Brasil. Que tipo de comida...

R – Tipo, na África do Sul tem curry, que eu ainda não achei aqui no Brasil, e... Tem assim, também tem puto...

P – Puto, o que é puto?

R – É comida feita de milho e outras coisas, não tenho certeza (risos) de quais são os ingredientes exatos, mas...

P – Mas ele é o que, um tipo de um cozido, o que é?

R – Ele é milho, mas é tudo...

P – Socado.

R – É. Eu não gostei muito, mas é uma das comidas típicas.

P – Tá. Hoje em dia, qual é a sua dificuldade, por exemplo, em termos de conviver, aqui no Brasil? A língua, você já domina. Você está morando em Perdizes, que é o bairro que vocês escolheram para morar. Por que vocês foram pra lá? Você conseguiu se adaptar? Como é isso.

R – O meu pai... Ele deu uma casa aqui em Perdizes. Ele deu essa casa, e teve gente morando que se mudou, e como mudamos para cá, era a nossa casa, então decidimos mudar para lá.

P – Você gosta do bairro?

R – Não.

P – Por quê?

R – Eu não estou acostumada a ter um bar em cada esquina. (risos) Cada esquina que eu vejo tem um bar diferente. Então ainda não acostumei com isso, ainda estou acostumando. Mas eu tenho duas ou três amigas, o resto é menino. Me dou melhor com meninos do que meninas.

P – Por que você se dá melhor com meninos do que meninas?

R - Não tenho certeza. (risos) Não tenho certeza. É só um jeito meu, sempre me dei melhor com meninos.

P – Você não tem irmãos.

R – Eu não, sou filha única.

P – Então, tá bom. Olha, queria agradecer o seu depoimento, muito obrigada por você ter participado.